



FACULDADE METROPOLITANA
NORTE RIOGRANDENSE

FACULDADE METROPOLITANA NORTE RIOGRANDENSE
DIRETORIA DE GRADUAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

EDUARDO HENRIQUE GALVÃO DA COSTA

**A CONTRIBUIÇÃO DO PROFESSOR PARA A REDUÇÃO DO *BULLYNG* NO
ESPAÇO ESCOLAR**

NATAL/RN

2023

EDUARDO HENRIQUE GALVÃO DA COSTA

**A CONTRIBUIÇÃO DO PROFESSOR PARA A REDUÇÃO DO *BULLYNG* NO
ESPAÇO ESCOLAR**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia, da Faculdade Metropolitana Norte Riograndense (FAMEN) como pré-requisito para a obtenção do título de graduado (a) em Pedagogia.

Orientadora: Professora Ms. Adriana Mônica Oliveira

Coorientador: Professor Ms. Adriel Felipe de Araújo Bezerra

NATAL/RN

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte
Biblioteca Immanuel Kant – Faculdade Metropolitana Norte Riograndense

C837c Costa, Eduardo Henrique Galvão da.

A contribuição do professor para a redução do bullying no espaço escolar. – Natal, 2023.

40 f.

Monografia (Graduação em Pedagogia) – Faculdade Metropolitana Norte Riograndense, Departamento de Pedagogia. Natal, RN, 2023.

Orientadora: Profa. Ms. Adriana Mônica Oliveira.

1. Educação infantil – Monografia. 2. Bullying – Monografia 3. Profissional Professor – Monografia. I. Oliveira, Adriana Mônica. II. Título.

CDD – 370

CDU – 37

Elaborada pelo Bibliotecário Miqueias Alex de Souza Pereira – CRB – 15/925

Índice de catálogo sistemático:

1. Educação – 370
2. Educação. Ensino. Instrução – 37

EDUARDO HENRIQUE GALVÃO DA COSTA

**A CONTRIBUIÇÃO DO PROFESSOR PARA A REDUÇÃO DO *BULLYNG* NO
ESPAÇO ESCOLAR**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia, da Faculdade Metropolitana Norte Riograndense (FAMEN) como pré-requisito para a obtenção do título de graduado(a) em Pedagogia.

Monografia apresentada e aprovada em 27/12/2023, pela seguinte Banca Examinadora:

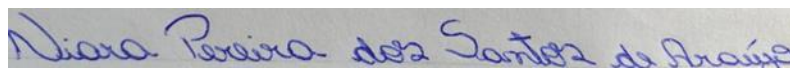
BANCA EXAMINADORA



Orientadora Professora Ms. Adriana Mônica Oliveira
FAMEN



Professora Ms. Valdete Batista do Nascimento
Faculdade Metropolitana Norteriograndense - FAMEN



Professora Esp. Niara Pereira dos Santos de Araújo
Faculdade Metropolitana Norteriograndense - FAMEN

NATAL/RN
2023

O bullying é um fenômeno complexo que pode ser definido de diversas maneiras. No entanto, existem três elementos cruciais que são comumente aceitos por cientistas ao redor do mundo: a intenção de prejudicar, a repetição e a desigualdade de poder.

Berger (2007).

AGRADECIMENTOS

A Deus, como premissa, por me fortalecer a cada dia me ajudando a continuar trilhando os caminhos acadêmicos. A Ele toda a honra e glória por este passo tão importante na minha trajetória de vida.

Dedico essa nova conquista de minha vida á Nildes Galvão Araújo, minha mãe querida, sem seu incentivo e suas palavras de apoio não teria conseguido.

À minha esposa Mércia Ramos da Silva Costa, que, com constância esteve ao meu lado me incentivando a dar continuidade ao curso, superando comigo as dificuldades diárias, buscando conciliar trabalho, estudos e filhos.

Ao meu filho Breno Eduardo Silva Galvão da Costa, motivação maior para não desistir, sendo uma das bases da minha realização hoje alcançada.

Aos meus colegas de sala, os quais alguns levarei para a minha vida, pois se toraram verdadeiros amigos por toda ajuda, aprendizado e apoio que me proporcionaram ao longo do curso.

Aos excelentes docentes da FAMEN, por serem ótimos profissionais, comprometidos com o ensino aprendizado do aluno, de forma humanizada, desde a equipe de apoio, Secretaria, em especial a Diretora Acadêmica, Professora Valdete, verdadeiros incentivadores, os quais me ajudaram a tomar a decisão de chegar até aqui.

À minha orientadora Adriana Mônica e meu coorientador Adriel Bezerra pela sua paciência; pela orientação plausível, me incentivando a cada etapa vencida. Pelo carinho e comprometimento, sempre oferecendo o suporte necessário para chegarmos até aqui, acreditado no potencial de todos.

Enfim, sou grato a todos que me incentivaram a chegar até aqui, direta ou indiretamente.

DEDICATÓRIA

Ao excelentíssimo Deus e Senhor, meu refúgio e fortaleza, que, nos momentos mais difíceis, em que pensei em desistir, Ele segurou minha mão, trazendo forças e esperança. À minha mãe, esposa e filho, os quais foram motivos de incentivos e de resiliência para a conclusão do presente curso.

RESUMO

Esta monografia trata da temática do *Bullying* no ambiente escolar, realizando um diálogo entre a perspectiva do professor em sala de aula e a do estudante que sofre agressões físicas, verbais, sociais e virtuais tanto de colegas quanto de outros profissionais da educação, as quais podem ocasionar um desempenho escolar insatisfatório e redução da aprendizagem, além de outras consequências psicológicas. Amparado pela regulamentação da Lei 13.185/15, o *bullying* tem o seu conceito definido, suas características e punições. Dialogar sobre o *bullying* em sala de aula é imprescindível para entender os diversos pontos de vista: da vítima, do agressor e dos demais estudantes que testemunham esses casos. Os docentes são convidados a entender a importância de coibir com atitudes que possam gerar a prática do *bullying* desse seu primeiro acontecimento. Compreender as teorias direcionadas à esse tipo de agressão no ambiente escolar, faz com que tenhamos propriedade para tratá-las, na assertiva de que o bem estar dos estudantes precisa ser priorizado, de forma a construir um ambiente propício para o convívio pacífico e para a aprendizagem. Para a construção deste trabalho, foram indispensáveis as contribuições dos teóricos da temática em estudo, como Pereira (2002), Fante (2005), Mezzela (2008), Guareschi et al (2008), Silva (2010), entre outros autores que contribuíram para que pudéssemos dialogar sobre o objeto de pesquisa: o *bullying*.

Palavras-chave: *Bullying*; professor; escola.

ABSTRACT

This monograph deals with the issue of bullying in the school environment, dialoguing between the perspective of the classroom teacher and that of the student who suffers physical, verbal, social and virtual aggression from both colleagues and other education professionals, which can lead to unsatisfactory school performance and reduced learning, as well as other psychological consequences. Under the regulation of Law 13.185/15, bullying has its concept defined, its characteristics and punishments. Talking about bullying in the classroom is essential in order to understand the different points of view: of the victim, the aggressor and the other students who witness these cases. Teachers are invited to understand the importance of curbing attitudes that could lead to bullying when it first occurs. Understanding the theories related to this type of aggression in the school environment allows us to deal with it with the assertion that the well-being of students needs to be prioritized in order to build an environment conducive to peaceful coexistence and learning. The contributions of theoreticians on the subject under study, such as Pereira (2002), Fante (2005), Mezzela (2008), Guareschi et al (2008), Silva (2010), among other authors, were indispensable for the construction of this work, as they helped us to discuss the object of research: bullying.

Keywords: Bullying; teacher; school.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Professores, pais e alunos juntos contra o bullying

Figura 2 - Prática de Bullying nos corredores de uma escola

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 CONCEITUANDO O TERMO <i>BULLYING</i>	13
2.1 Práticas docentes no combate ao <i>bullying</i> na escola.....	18
3 O <i>BULLYING</i> E SUAS MODALIDADES	28
3.1 <i>Bullying</i> verbal	29
3.2 <i>Bullying</i> físico.....	30
3.3 <i>Bullying</i> Social	31
3.4 <i>Bullying</i> Virtual.....	32
4 METODOLOGIA	34
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS	38

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho cuja temática trata da contribuição do professor para a redução do *bullying* no espaço escolar, consiste em uma pesquisa de relevância no âmbito educacional, devido ao alto índice de ocorrências, não só no Brasil, mas trata-se de um problema que está presente no mundo inteiro e que, por vezes, muitas pessoas não procuram as pessoas que possam lhe ajudar, por medo e intimidação, por parte dos agressores.

Tecer conhecimentos sobre o *bullying* diz respeito a abrir novos caminhos para reflexões em busca de um diálogo pela paz, pela solidariedade, pelo respeito e companheirismo que muitas vezes falta entre os alunos, ocasionando esse comportamento agressivo e inadmissível no contexto escolar, onde ultrapassa os muros da escola. Devemos almejar no amago educacional sermos educadores que formam educandos para a vivência do diálogo de forma saudável, sem agressões.

O *bullying* é um universo desafiador, por ter em seu público-alvo, em grande maioria, pessoas fragilizadas pelo medo ocasionado pelos agressores, em meio as testemunhas que por muitas vezes sentem-se intimidadas ao presenciarem aqueles atos que lhe são desagradáveis, mas acabam não tomando para si a responsabilidade de ao menos tentar procurar ajuda para a vítima. Considerado valentão, o agressor procura fazer da vítima seu recurso imediato de satisfação, por ter ali uma força maior, uma liberdade maior, caracterizada pela ausência de um profissional mais atento que venha a perceber o que está havendo.

As atitudes que levam ao *bullying* precisam ser percebidas pelos educadores, e estes, devem ter olhares e ações prospectos e potencializadores para que, através do desejo de ensinar, possam provocar nos alunos o desejo de mudança de atitude, de reconhecer-se como agressores, vítimas e expectadores, entre os partícipes desta agressão que pode causar danos irreparáveis na vida de uma criança que é vitimada pelas ações de um agressor, tanto de ordem psíquica causando os traumas psicológicos, como de ordem física, causando de um hematoma à morte da vítima, como algumas vezes saem em noticiários.

São vários os motivos condicionadores à realização desta pesquisa, dentre eles, a necessidade de apresentar uma conscientização sobre a temática, tanto aos educadores, quanto aos educandos; tornando a vivência em sala de aula mais prazerosa nos relacionamentos interpessoais entre professores e alunos,

ressaltando a necessidade de que o respeito entre todos ali devem ser princípio de cada relação, buscando entre os alunos o companheirismo e a amizade, para que não aconteçam as agressões. Assim sendo, objetivamos apresentar o *bullying* como uma pauta a ser tratada nas escolas e salas de aula, por serem os alvos maiores desta ação, pois ali estarão os grupos de agressores e vítimas em um ambiente propício.

Para a realização desta pesquisa, foram adotados os procedimentos metodológicos das pesquisas bibliográfica e qualitativa, através das quais buscamos os fundamentos teóricos de autores da área em estudo, tais como Pereira (2002), Fante (2005), Mezzela (2008), Guareschi (2008), Silva (2010), entre outros autores que enveredam pelos caminhos da tratativa do *bullying*, além das contribuições oriundas das orientações em sala de aula, no período da construção deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Em sua estruturação, esta monografia contempla o conceito do termo *bullying*, ajudando no entendimento de sua complexidade, para que seja tratado com maior importância entre os profissionais da educação, fazendo-os abrir os olhos para um aluno que de repente apresentou uma baixa no rendimento escolar, uma tristeza no olhar, um distanciamento entre demais colegas de um grupo específico, entre outras atitudes passíveis de acontecer, quando relatamos as características das vítimas; posteriormente tratamos das práticas docentes no combate do *bullying* na escola, discutindo a importância da prática docente no seu cotidiano com um olhar observador diante de algumas circunstâncias desagradáveis em sala de aula, bem como a relevância da prevenção através de atividades em conjunto, podendo englobar toda a escola, envolvendo os funcionários de modo a construir uma consciência *antibullying* através da cultura da paz.

No Brasil, há muitos estudiosos que se dedicam ao estudo desse problema. No entanto, apenas em novembro de 2015 foi promulgada a Lei nº 13.185, que instituiu o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*). No qual apresenta o *bullying*, contextualizando em suas formas e características, formalizando as devidas punições ao agressor. No segundo capítulo tratamos desta lei citando alguns de seus artigos mais importantes, visando a maior compreensão da complexidade da temática do *bullying* nos dias atuais. Pois como veremos esta prática é antiga, mas com a legislação vigente precisamos ter cuidado e zelo para

com os envolvidos, não permitindo que ultrapasse os muros da escola, mas que seja resolvido no ambiente escolar.

No terceiro capítulo falamos das modalidades do *bullying*, destacando a verbal, a física, o social e o virtual como sendo as principais ocorrências entre as demais no acervo. Estas que podem causar sérios danos às vítimas, mas não somente, aos agressores também. Pois para além dos muros da escola, o profissional da educação não pode intervir. Por isso a importância de um professor estar atento aos seus alunos, atento às mudanças nos comportamentos dos mesmos, pois podem ser indícios de que algo não está bem e como professores precisamos investigar.

Podemos destacar o *bullying* virtual, conhecido também como o *cyberbullying*, um tipo de *bullying* praticado nas redes sociais que possui grande repercussão, pois uma vez na rede, pode atingir muitas pessoas.

Assim, a análise da legislação e das políticas existentes para combater o *cyberbullying* é essencial para o desenvolvimento de políticas públicas mais eficazes para prevenir e erradicar essa forma de violência virtual. Os resultados dessa análise podem fornecer informações valiosas para a criação de medidas que protejam as vítimas e responsabilizem os agressores, contribuindo para a promoção de uma internet mais segura e justa.

As metodologias aplicadas à esta pesquisa também foram contempladas, na tentativa de esclarecer aos leitores, o caminho percorrido para a concretização deste trabalho. A parte final diz respeito às considerações finais, onde foi possível tratar de pontos relevantes da pesquisa e do que esperamos como resultado após apreciação; por fim, as referências bibliográficas, na qual elencamos as fontes teóricas pesquisadas e utilizadas no corpo desta monografia.

2 CONCEITUANDO O TERMO *BULLYING*

Bullying é um termo de origem inglesa que vem do verbo *bully*, cujo significado é usar força ou poder para machucar ou humilhar alguém mais fraco. Não está inserido no dicionário da língua portuguesa, visto que apresenta um anglicismo. Contudo o termo é muito utilizado no nosso cotidiano. A pessoa que sofre o *bullying*, o termo é muito utilizado no nosso cotidiano. A pessoa que sofre o *bullying* pode sofrer de várias maneiras, das quais as mais usuais são dos tipos físicos, psicológicos e verbais.

O fenômeno *bullying* tomou espaço no ambiente escolar e é se tornou uma temática a ser discutida entre os professores e alunos. Na prática docente é possível conseguir perceber a vítima desta agressão através do baixo rendimento escolar, além do comportamento reprimido, intimidado do mesmo diante de um grupo, que seriam os agressores. Contemplando ainda entre os participantes deste ato, temos os expectadores, caracterizados por serem uma maioria que temem aos agressores e, portanto, silenciam aqueles momentos presenciados.

A sua caracterização se dá por meio de agressões de forma repetida, insistente, realizadas por um longo período. No ambiente escolar, estas agressões podem ocorrer dentro de sala de aula ou ainda nos espaços de convivência, além do entorno da escola entre os alunos de um mesmo nível escolar ou níveis diferentes. Embora se estenda a outras faixas etárias, esse tipo de atitude pode vitimar crianças e adolescentes entre 12 e 15 anos de idade mais comumente.

Segundo Guareschi e Silva (2008, p. 170), as consequências do *bullying* podem ser caracterizadas como algo:

Devastador, apresentando a baixa autoestima, comprometendo a saúde mental dos adolescentes, podendo desencadear problemas psicológicos, tais como: anorexia, bulimia, depressão, ansiedade, levando algumas vezes até mesmo a ocorrência do suicídio. Causando nas vítimas medo, pânico e o desinteresse em ir para a escola, quando está se omite a realidade vivenciada (Guareschi; Silva, 2008, p. 17).

De acordo com autor, o *bullying* é bastante desafiador para aquele jovem que se torna vítima, comprometendo a vivência de uma boa convivência interpessoal

entre os alunos, uma vez que os agressores intimidam além das vítimas, os estudantes que testemunham os atos.

As consequências do bullying para a saúde mental das vítimas podem ser graves. A baixa autoestima é uma das principais consequências do bullying. As vítimas começam a se sentir inferiores, inadequadas e rejeitadas. Isso pode levar a problemas psicológicos, como anorexia, bulimia, depressão, ansiedade e, em casos extremos, até mesmo ao suicídio.

O bullying também pode causar medo, pânico e desinteresse em ir à escola nas vítimas. As vítimas começam a evitar os ambientes onde são vítimas de bullying, o que pode prejudicar seu desempenho escolar e social.

Quando a vítima do bullying omite a realidade vivenciada, ela está tentando proteger-se de mais sofrimento. No entanto, essa atitude pode agravar o problema, pois a vítima não recebe o apoio de que precisa para lidar com a situação.

-Já para Pereira (2002, p. 83) o *bullying* “demonstra uma maneira preocupante de comportamento antissocial que pela sua duração, prejudica o desenvolvimento da criança de forma imediata e a longo prazo.” O autor afirma que há um comprometimento a longo prazo e isso caracteriza um trauma que quando não trabalhado com a criança no tempo certo, esse trauma acaba acompanhando a criança até a fase adulta. Comprometendo assim o seu processo de amadurecimento.

O bullying é uma maneira preocupante de comportamento antissocial porque demonstra uma falta de empatia e respeito pelos outros. Os agressores de bullying geralmente se sentem superiores às vítimas e acreditam que têm o direito de maltratá-los.

Sua ação pode prejudicar o desenvolvimento da criança de forma imediata e a longo prazo. A curto prazo, o bullying pode causar danos psicológicos, como baixa autoestima, ansiedade, depressão e estresse. A longo prazo, o bullying pode aumentar o risco de problemas de saúde mental, como transtornos alimentares, abuso de substâncias e suicídio.

Ainda acerca do conceito do *bullying*, a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à infância e a Adolescência (ABRAPIA) o define como o comportamento que:

[...] Compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder. Portanto, os atos repetidos entre iguais (estudantes) e o desequilíbrio de poder são as características essenciais, que tornam possível a intimidação da vítima (ABRÁPIA, 2004, p. 31).

Desta forma, a sua caracterização no ambiente escolar, denota a necessidade de intervenções a serem realizadas pela equipe pedagógica e a gestão escolar. Onde cada um em sua função se faz necessário um trabalho para reter desde o primeiro momento em que se percebe a presença de agressões entre os alunos, uma intervenção imediata por parte do conselho escolar com ações efetivas no combate ao *bullying*.

O *bullying* na infância pode causar sérios problemas na vida adulta, incluindo baixa autoestima, insegurança, timidez, dependência de drogas e álcool, transtornos alimentares, paranoia e isolamento social. Logo, o seu efeito é realmente devastador e precisa ser combatido de imediato. Como Fante (2005, p. 35) afirma que “o agressor de *bullying* é uma pessoa que não consegue se colocar no lugar da vítima. É capaz de causar dor e sofrimento sem remorso.” Deixando fortes marcas psíquicas em suas vítimas.

O *bullying* é um fenômeno que parece estar sempre presente na sociedade, mas é mais comum do que imaginamos. Embora tenha sido definido recentemente, sua prática é muito mais antiga. É importante conhecer o *bullying* para poder identificá-lo, preveni-lo e resolvê-lo antes que ele cause grandes tragédias. Conforme Fante (2008, p. 98) “o *bullying* é um fenômeno antigo, mas só a partir da década de 1970 foram realizados estudos sistemáticos sobre esse tema. A Suécia foi um dos primeiros países a investigar sua existência.”

Deste então os professores buscam ter um olhar voltado para a resolução dos problemas que são inúmeros quando na ocorrência desses atos violentos e repetitivos, os envolvidos, em sua maioria menores de idade, precisam do auxílio e comprometimento da família para reorganizar e melhor orientar a criança que agride e aquela que se torna vítima, minimizando os efeitos negativos e traumáticos no futuro.

Ainda que o termo não possua tradução aqui no Brasil, ele é utilizado para qualificar atitudes violentas, principalmente no ambiente escolar. De acordo com

Chalita (2008, p.108) “*Bullying* é uma palavra oriunda do adjetivo *bully*, que, na língua inglesa significa valentão. O mais forte tiraniza, oprime, denigre, intimida e amedronta os mais fracos.” Se faz necessária uma intervenção por parte da escola, unindo forças com a família, para conter essas ações.

Atualmente, no Brasil, existe uma lei de combate ao *bullying*, a Lei n.º 13.185, de 06 de novembro de 2015. Instituído o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*).

A lei obriga escolas, clubes, agremiações a adotarem medidas de combate e prevenção ao *bullying*. A lei o define como “toda ação ou omissão intencional, sistemática e repetitiva, praticada por um indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas”.

Em seu artigo primeiro ele apresenta o conceito legal do *bullying*:

Art. 1º No contexto e para os fins desta Lei, considera-se intimidação sistemática (*bullying*) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas (BRASIL, 2015, p. 1).

Favorecendo a todos que estiverem em território nacional, a Lei legitima o *bullying* como uma agressão repetitiva, motivada por quaisquer fatores sociais, a partir de sua regulamentação, objetiva realizar ações para a sua diminuição, destacando neste primeiro artigo a relevância dos agressores estarem sozinhos ou em grupo.

O artigo 2º da referida lei define as formas como as agressões podem ser evidenciadas:

Art. 2º Caracteriza-se a intimidação sistemática (*bullying*) quando há violência física ou psicológica em atos de intimidação, humilhação ou discriminação e, ainda: I - ataques físicos; II - insultos pessoais; III - comentários sistemáticos e apelidos pejorativos; IV - ameaças por quaisquer meios; V - grafites depreciativos; VI - expressões preconceituosas; VII - isolamento social consciente e premeditado; VIII - pilhérias (BRASIL, 2015, p. 1).

Já no artigo terceiro classifica o *bullying* em oito tipos:

Art. 3º A intimidação sistemática (*bullying*) pode ser classificada, conforme as ações praticadas, como: I - verbal: insultar, xingar e apelidar pejorativamente; II - moral: difamar, caluniar, disseminar rumores; III - sexual: assediar, induzir e/ou abusar; IV - social: ignorar, isolar e excluir; V - psicológica: perseguir, amedrontar, aterrorizar, intimidar, dominar, manipular, chantagear e infernizar; VI - físico: socar, chutar, bater; VII - material: furtar, roubar, destruir pertences de outrem; VIII - virtual: depreciar, enviar mensagens intrusivas da intimidade, enviar ou adulterar fotos e dados pessoais que resultem em sofrimento ou com o intuito de criar meios de constrangimento psicológico e social (BRASIL, 2015, p. 1-2).

Amparando assim as pessoas que passam pela circunstância do *bullying*, podendo haver maiores danos ao agressor, ou ainda, ao responsável pelo mesmo. Tendo como objetivos prevenir e combater a prática do *bullying*, capacitando docentes e equipes pedagógicas para implementar ações de prevenção e solução do problema. Além disso, a lei orienta a conduta de pais e responsáveis diante da identificação de vítimas e agressores, dando assistência psicológica, social e jurídica aos mesmos.

Atitudes preconceituosas ou discriminatórias são formas de *bullying* e não devem ser tratadas como brincadeiras. É importante denunciar casos de *bullying* às autoridades escolares para que sejam tomadas medidas para proteger as vítimas e prevenir novos casos. As vítimas de *bullying* devem receber apoio psicológico e social, e os agressores devem ser encaminhados para tratamento. Uma vez que vítimas e agressores podem desenvolver algum transtorno psiquiátrico sério, tais como “transtornos mentais, como pânico, bulimia, compulsão, fobias, psicoses, anorexia e ansiedade generalizada, em pessoas que já possuem uma predisposição genética para essas patologias” (Silva, 2010, p. 76).

Cabe ressaltar que o *bullying* na infância ou adolescência pode ter consequências graves para as vítimas, mesmo na vida adulta. As vítimas de *bullying* podem desenvolver problemas de ansiedade, insegurança, depressão ou agressividade. Essas vítimas também podem reproduzir esses comportamentos em seus relacionamentos amorosos, profissionais e familiares. Com isto, algo que poderia ser evitado, causa grandes transtornos no futuro.

2.1 Práticas docentes no combate ao *bullying* na escola

Figura 1 – Professores, pais e alunos juntos contra o bullying



Fonte: <https://claraduarte.files.wordpress.com/2011/04/bullying2001.jpg?w=584>

A imagem mostra como a parceria entre escola, família e aluno é de grande relevância quando se busca um ideal educacional, de modo especial, a tratativa é o bullying e a mensagem em destaque dá o verdadeiro sentido a imagem. Apresentando a proposta de combate às práticas do bullying, tão necessárias no ambiente escolar. Onde a comunidade escolar deve em conjunto saber lidar e combater esta prática comum entre os alunos.

Aplicar a teoria à prática é indispensável ao trabalho docente. Isso é especialmente importante quando se trata de violência, pois pode ajudar a prevenir e responder a esse problema. No entanto, “Os profissionais da educação, muitas vezes, só percebem a gravidade dos problemas da violência quando esses já atingiram níveis altos de incidência e periculosidade” (Fante, 2005, p. 85).

Quando a violência atinge uma pessoa ou um grupo, apresentando várias consequências, tais como escoriações devido a uma luta corporal ou baixa do rendimento escolar, pela ausência nas aulas, é mais difícil de ignorá-la. É nesse momento que os profissionais da educação começam a se conscientizar do

problema e a tomar medidas para combatê-lo, como a prática do diálogo acerca da não violência na escola e de uma atividade que aborde a temática.

Com isso é importante iniciar um trabalho preventivo e contínuo, evitando situações que poderiam ser evitadas através de um trabalho acerca do tema e de um diálogo, em busca de detectar os indícios que possam ajudar a disseminar o *bullying* dentro da comunidade escolar. Que algumas vezes iniciam com uma simples discussão acerca de um tema onde uns alunos concordam e outros não.

A conscientização dos problemas da violência é essencial para que possamos combatê-la de forma eficaz. É importante que os profissionais da educação, assim como toda a sociedade, estejam atentos aos sinais de violência e tomem medidas para prevenir e responder a esse problema.

O professor é uma figura importante na vida dos alunos e pode desempenhar um papel fundamental no combate ao *bullying*. Para isso, é importante que ele estabeleça normas e regras claras de convivência na sala de aula, promova um ambiente seguro e respeitoso, e estimule a empatia e a compreensão pelos outros, incentivando a inclusão e o respeito à diversidade.

Segundo Favaro (2009, p. 22):

O educador precisa refletir sobre seu papel, suas práticas, a relação que estabelece com os alunos e o compromisso com a educação. Essa reflexão é fundamental para que ele possa tomar a iniciativa de interferir no momento adequado e de maneira adequada, facilitando a aprendizagem, num ambiente onde haja respeito mútuo, solidariedade e cooperação (Favaro, 2009, p. 22).

A reflexão sobre esses aspectos permitirá ao educador desenvolver um olhar crítico sobre sua prática, identificando pontos fortes e pontos a melhorar. Isso o ajudará a tomar decisões mais acertadas no momento de interferir no processo de aprendizagem, facilitando a construção do conhecimento e contribuindo para a formação de cidadãos críticos, reflexivos e solidários.

Acerca do papel do educador é importante para que ele possa compreender sua função na sociedade e na escola. O educador é um agente de mudança, que pode contribuir para a formação de cidadãos críticos e reflexivos. Ele deve estar comprometido com a educação como um processo de emancipação e de construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

O educador deve estar sempre buscando novas formas de ensinar e de aprender. Ele deve estar aberto a novas ideias e a novas experiências. Uma atividade contínua, que deve ser realizada pelo educador ao longo de toda sua carreira. Essa reflexão ajuda o educador a se tornar um profissional mais competente e mais eficaz.

Outro passo importante é a identificação e intervenção precoce de situações de *bullying*, promovendo uma cultura de denúncia segura e incentivando a comunicação aberta e o diálogo entre os alunos. Isso pode ser feito criando oportunidades para que os alunos expressem suas preocupações e discutam questões relacionadas ao *bullying*. Também é importante oferecer suporte emocional e encorajamento às vítimas de *bullying*, garantindo que elas se sintam ouvidas e protegidas.

Fante (2008, p. 71) afirma que:

As agressões do bullying são consideradas gratuitas porque a pessoa vitimada, geralmente, não cometeu nenhum ato que as justifique. Elas geralmente ocorrem por motivos discriminatórios, como etnia, religião, orientação sexual, gênero, aparência física, deficiência, entre outros (Fante, 2008, p. 71).

Portanto a atitude do professor deve ser sempre de observador, investigador, de modo que as crianças estejam sempre sob seu olhar atento. A atenção desse profissional deve se voltar para um baixo rendimento em sala de aula, expressões de tristeza ou timidez excessiva, atitudes agressivas, ou qualquer outra demonstração de que algo não vai bem. O profissional da educação que tem bons olhos em relação sua turma, consegue melhor orientá-los e fazer sua intervenção em tempo, resolvendo algumas situações das quais inicialmente solucionadas podem evitar maiores consequências, como é o caso do *bullying*.

É importante que o professor aja de forma rápida e assertiva para interromper o bullying e proteger a vítima. O professor também deve garantir que o agressor seja responsabilizado por suas ações, para que o bullying não continue.

As atividades educativas e projetos de conscientização sobre o *bullying* também são importantes para combater esse problema. Elas podem abordar temas como respeito e responsabilidade, promovendo a cooperação entre os alunos, incentivando a construção de relacionamentos saudáveis e a resolução de conflitos.

O autor Cury (2003, p. 103) afirma que “O diálogo é a ferramenta educacional mais eficaz. A autoridade é necessária nas relações entre pais e filhos, professores e alunos, mas a verdadeira autoridade é conquistada com respeito e confiança.”

A colaboração com outros profissionais da escola, como psicólogos e orientadores, é fundamental para o desenvolvimento de estratégias e prevenção do combate ao *bullying*. Essas ações devem ser consistentes e contínuas, envolvendo toda a comunidade escolar. A implementação consistente dessas práticas é essencial para criar um ambiente escolar seguro e positivo, onde o *bullying* seja reduzido e os alunos possam prosperar.

As escolas possuem um importante papel no desenvolvimento de um trabalho assertivo. Conforme Favaro (2009, p. 25):

As escolas devem promover a conscientização sobre o bullying, para que os alunos entendam o que é, como funciona e quais são as suas consequências. A melhor maneira de prevenir o bullying é conhecer as suas consequências, pois isso ajuda a criar uma cultura de respeito e solidariedade na escola (Favaro, 2009, p. 25).

A conscientização sobre o bullying é importante para todos os alunos, mas é especialmente importante para os alunos que são mais propensos a serem vítimas de bullying, como alunos com deficiência, alunos LGBTQIA+ ou alunos que são diferentes de alguma forma.

Ao educar os alunos sobre o bullying, as escolas podem ajudar a criar uma cultura de respeito e solidariedade na escola, onde todos os alunos se sintam seguros e respeitados.

Os professores desempenham um papel fundamental na prevenção e combate ao *bullying*. Eles são educadores, modelos e orientadores para os alunos. Ao compreender o problema e capacitar os professores com as ferramentas adequadas, podemos criar ambientes escolares mais seguros, inclusivos e acolhedores para todos os estudantes.

É importante que os professores estejam atentos aos sinais que podem indicar o início do *bullying* entre os estudantes, refletindo acerca da cultura de paz nas escolas. Também é importante ouvir atentamente os relatos dos alunos e estar ciente das dinâmicas sociais em sala de aula e nos espaços comuns da escola.

De acordo com Fante (2008, p. 45):

O bullying é uma dinâmica psicossocial complexa que afeta um número crescente de crianças e adolescentes. Muitas vítimas de bullying acabam se tornando agressores, o que contribui para a disseminação do problema. O bullying é um problema epidêmico que deve ser considerado questão de saúde pública. Para combatê-lo, é necessário um esforço conjunto da família, da comunidade escolar, das autoridades ligadas à educação, saúde e segurança pública, por meio de programas preventivos e assistenciais.

Na prevenção do *bullying*, os professores desempenham um papel fundamental na criação de uma cultura de respeito e empatia na sala de aula. Discussões abertas sobre respeito, diversidade e aceitação são essenciais para fortalecer esse entendimento. Atividades educativas sobre os diferentes tipos de *bullying*, suas consequências e a importância de denunciar são também importantes para capacitar os alunos a reconhecerem e resistirem ao *bullying*.

Se faz necessário compreender a responsabilidade de cada um no contexto do *bullying*, pois várias pessoas estarão envolvidas, como afirma Gonçalves (2014, p. 9):

Os educadores frequentemente acreditam que o bullying é um problema que deve ser resolvido pelas famílias. Isso os impede de compreender como criar um ambiente cooperativo na sala de aula, que pode ajudar a prevenir o bullying. Além disso, quando um aluno é vítima de bullying, os professores muitas vezes o responsabilizam pelo que aconteceu, o que os desresponsabiliza de agir para resolver o problema (GONÇALVES, 2014 p. 9).

Embora a educação física seja uma disciplina diferente das demais, o *bullying* pode ocorrer também nas aulas de educação física. Por isso, é importante que o professor esteja preparado para lidar com situações de xingamentos, exclusão e até mesmo violência física. Para Faria (1999, p. 376) “A educação física é uma disciplina que, infelizmente, também é palco de violência. As brigas geralmente começam por motivos fúteis, como uma discussão por causa de uma disputa esportiva.”

A primeira questão a ser considerada é que as atividades físicas geralmente envolvem trabalho em equipe. Isso pode levar à exclusão de um aluno que não consegue se inserir em uma equipe. O professor deve estar atento a esses casos e intervir para evitar que o aluno excluído fique de fora.

Outro ponto a ser considerado é que a competitividade pode gerar conflitos, como xingamentos ou violência física. O professor deve estabelecer regras e limites

para manter um ambiente respeitoso. Ele também deve demonstrar que a ética é importante e que o respeito deve prevalecer, mesmo em situações de competição.

Para Chaves (2006):

O professor deve estar atento para não se tornar um agressor, pois isso pode legitimar o bullying. Algumas atitudes que devem ser evitadas são: ridicularizar ou rotular alunos, depreciar o rendimento deles, mostrar preferência por alguns, fazer ameaças, perseguir ou comparar alunos, e colocar apelidos pejorativos (CHAVES, 2006, p. 156).

Portanto, o professor deve saber como se comportar para prevenir e combater o *bullying* nas aulas de educação física. Ele deve garantir que a sala de aula e a quadra sejam um ambiente seguro e respeitoso para todos os alunos.

Para se concretizar a prática do *bullying* além da constância das agressões é preciso estar caracterizado e definido seus partícipes, sendo os agressores, aqueles que tomam atitude de danar e ferir a integridade do outrem, a vítima que sofrerá as agressões e as testemunhas que vivenciarão o momento da agressão.

Os agressores do *bullying* são aqueles que agem de forma cruel e insensível, expondo a vítima às piores humilhações, desde apelidos maldosos até atitudes covardes. Segundo Silva (2010, p. 75) “Os agressores de *bullying* podem ser de ambos os sexos e apresentam traços de desrespeito e crueldade em sua personalidade. Eles podem agir sozinhos ou em grupo.”

Geralmente são pessoas populares, exercem poder de influência e impõem superioridade hierárquica dentro do grupo. O praticante de *bullying*, usando da arrogância e da manipulação pelo medo ou pela oferta de status, tem grande capacidade de induzir os demais a reproduzirem ou apoiarem comportamentos ofensivos e agressivos. A "turma" passa a compartilhar das ações de modo ativo ou passivo, submetendo-se a elas, garantindo o pertencimento ao grupo "forte" para não se tornarem futuras vítimas.

Esses jovens costumam ter seus grupos de amigos, não aceitando a abertura para novas amizades, pois no mais íntimo de si, reconhecem que agem com maldade algumas vezes, outras por orgulho ou vaidade, mas costumeiramente apresentando-se como superiores diante de uma comunidade, geralmente a comunidade escolar, está como sendo o local de maior incidência desses atos de violência.

Para Mezzela (2008, p. 8):

Os autores de bullying são, comumente, indivíduos com dificuldade de empatia. Eles podem ter sido criados em famílias desestruturadas, nas quais não receberam o apoio emocional necessário para desenvolver essa capacidade (Mezzela, 2008, p. 8).

A empatia é a capacidade de se colocar no lugar do outro e compreender seus sentimentos e emoções. É uma capacidade essencial para as relações humanas saudáveis. Existem várias razões pelas quais os autores de bullying podem ter dificuldade de empatia. Uma delas é que eles podem ter sido criados em famílias desestruturadas, nas quais não receberam o apoio emocional necessário para desenvolver essa capacidade.

As crianças que crescem em famílias desestruturadas podem não ter modelos de empatia positivos. Elas podem ver os adultos em suas vidas tratando uns aos outros com desrespeito ou violência. Isso pode levar a crianças a acreditar que a violência é uma forma aceitável de resolver conflitos ou de se relacionar com os outros.

Geralmente as crianças que não detêm a atenção dos pais quando na infância, em sua maioria, vivem uma constância de atitudes para lhe chamarem a devida atenção, mesmo que seja através de ações negativas. De modo que sem atenção, essa criança normalmente fica sem limites, algumas vezes são alvos de violência doméstica, ocasionando uma inquietude e desordem emocional, gerando muitas vezes essa má conduta no ambiente escolar.

Além disso, as crianças que crescem em famílias desestruturadas podem não receber a atenção e o carinho que precisam. Isso pode levar a crianças a se sentirem inadequadas ou rejeitadas. Essas crianças podem se tornar mais propensas a se envolver em comportamentos agressivos, como o bullying, como uma forma de chamar a atenção ou de se sentirem poderosas.

Logo a falta de acompanhamento dos pais ou responsáveis no desenvolvimento dos filhos, seja por falta de interesse ou por falta de habilidades, pode levar à formação de crianças com dificuldade de controle da raiva e da agressividade. Não sendo essa a única motivação. Pois essa dificuldade pode ser agravada pela falta de afeto, atenção e respeito que a criança recebe da família.

Os autores Carpenter e Ferguson (2011, p. 154) afirmam que “os agressores de *bullying* podem ser de qualquer tipo, tamanho, gênero ou nível de popularidade.” Entretanto compartilham algumas características em comum, como a dificuldade de controlar a raiva e a agressividade, a baixa autoestima e a necessidade de sentir poder e controle.

Os agressores de *bullying* geralmente são desrespeitosos com professores, não respeitam regras, não sentem empatia ou arrependimento, e são insensíveis às punições escolares. Eles reagem com hostilidade quando são contrariados, se irritam e perdem o controle facilmente, e usam a força com naturalidade. Também podem participar de atos de vandalismo e pequenos delitos.

Já as vítimas de *bullying* são pessoas ou grupos que são alvo de agressões de outros. Elas são prejudicadas porque muitas vezes não relatam as agressões por vergonha ou medo. O silêncio da vítima é um aliado do agressor, pois ajuda a perpetuar a violência e compromete o desenvolvimento da vítima.

Segundo Mezzela (2008, p. 21):

As vítimas de *bullying* são pessoas ou grupos que são alvo de agressões de outros. Elas são prejudicadas porque não têm os recursos, status ou habilidades necessárias para se defender ou para fazer cessar as agressões. Muitas vezes, são pouco sociáveis e têm dificuldade em pedir ajuda. Elas também podem sentir que não têm esperança de se adequar ao grupo (MEZZELA, 2008, p. 21).

A autora afirma as características físicas e sociais que estão presentes na vítima, levando a baixa autoestima. Algumas vezes essas pessoas aceitam os insultos como sendo verdadeiros e isso é muito preocupante, pois aceitando, ela se inferioriza ainda mais, sem forças até para buscar ajuda em sua necessidade.

A humilhação permanente é uma experiência traumática que pode ter consequências graves para a vítima, mesmo na idade adulta. Para superar essa condição, é essencial buscar ajuda psicológica, pois é um processo longo e lento de reconstrução da autoaceitação. Na infância, esse sofrimento é ainda mais devastador, pois a criança se sente abandonada e sem recursos para lidar com a violência.

Clemente (2008, p. 205) afirma ainda a preocupação de que “as vítimas de *bullying* são as mais prejudicadas, pois sofrem os efeitos do seu sofrimento, que muitas vezes não é compartilhado com ninguém.” Logo isso pode levar ao

desenvolvimento de atitudes como isolamento social, insegurança e sensação de indefesa diante dos ataques. Que é uma característica muito presente nas atitudes das vítimas dessa violência. Além de viverem isoladas, ainda vivenciam o medo da represália por parte dos agressores, quando precisam estarem próximos em comunidade escolar.

Com base em Silva (2010, p. 31), existem dois tipos de vítimas, a vítima passiva e a vítima agressora, “a vítima passiva é aquela que apresenta pouca sociabilidade, timidez, não conseguindo reagir aos agressores”, já a vítima agressora, o autor explica que “costumam reproduzir os maus tratos recebidos, apresentando mesmas atitudes junto a outra criança ainda mais vulnerável as ações.” Com isto a primeira aceita e internaliza, podendo causar danos futuros, com a concretização dos traumas, e a segunda, tenta justificar aquilo que sofre agindo da mesma forma com outrem que apresenta menor rendimento e sociabilidade.

Por fim, as testemunhas são aquelas que estão presentes no ato da agressão, mas silenciar, por quaisquer motivos, dos quais o entendimento de que os agressores podem agir também contra eles, caso tentem intervir. Nesse caso a intimidação está muito presente. Para Mezzela (2008, p. 37) “As testemunhas, que representam a grande maioria dos alunos, convivem com a violência e se calam por medo de se tornarem as próximas vítimas.”

As testemunhas do *bullying* são aquelas que não reagem às agressões por medo de se tornarem a próxima vítima; também chamadas de expectadoras ou ainda, alvos passivos, podem ser de dois tipos, conforme Silva (2008, p. 54):

Ativos, são aqueles que não participam diretamente das agressões, mas incentivam e aplaudem os agressores com risadas e palavras de incentivo; e os espectadores neutros são aqueles que, por uma questão sociocultural, não percebem ou não se importam com as situações de *bullying* que presenciam (Silva, 2008, p. 54).

Muitas vezes, as testemunhas de *bullying* não interferem por medo de se tornarem vítimas. Em outros casos, elas apoiam indiretamente os agressores, concordando com as atitudes agressivas.

Portanto, é fundamental que toda instituição de ensino implemente ações de combate ao *bullying* de forma sistemática.

As vítimas, testemunhas e agressores são os envolvidos no *bullying*, que ocorre principalmente nas instituições de ensino. Essa violência, disfarçada de

brincadeira, pode ter sérias consequências no processo de aprendizagem, conforme será mostrado no tópico a seguir.

A prevenção precisa ser a principal medida para o professor agir contra as ações repetitivas do *bullying* dentro do ambiente escolar. É importante que toda a comunidade escolar tenha conhecimento sobre o fenômeno. É necessário que políticas públicas priorizem a redução e prevenção do *bullying* nas escolas de todo o país. Profissionais da área da educação devem ser investidos e treinados para elaborar e executar programas de prevenção ao *bullying*. É preciso conscientizar as pessoas sobre as graves consequências desse fenômeno, que merece a atenção de pesquisadores, professores, profissionais que atuam nas escolas, pais e comunidade em geral.

A Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (ABRAPIA) recomenda aos professores, técnicos e gestores:

Criar um ambiente de confiança: Os estudantes devem se sentir seguros para relatar casos de *bullying*. Os profissionais da escola devem estar disponíveis para ouvi-los com atenção e sem julgamentos. Promover a denúncia: Os estudantes devem ser incentivados a denunciar casos de *bullying*. A escola deve ter um canal seguro para que eles possam fazer isso, sem medo de represálias. Valorizar as atitudes positivas: Os estudantes que denunciam casos de *bullying* devem ser valorizados pela escola. Isso ajudará a criar um clima de respeito, em que os estudantes se sintam seguros para denunciar. Criar regras claras: A escola deve criar regras claras e concisas que proíbam o *bullying*. Essas regras devem ser elaboradas com a participação dos estudantes, para que eles se sintam responsáveis por cumpri-las. Estimular lideranças positivas: A escola deve estimular a formação de lideranças positivas entre os estudantes. Essas lideranças podem ajudar a prevenir casos de *bullying*, promovendo a cultura de respeito e tolerância. Intervir rapidamente: Quando um caso de *bullying* for identificado, a escola deve intervir rapidamente para quebrar a dinâmica do *bullying*. Isso pode ser feito conversando com os envolvidos, aplicando medidas disciplinares ou buscando ajuda especializada (ABRAPIA, 2004, p. 55).

Todas as ações propostas são orientadas para a promoção do diálogo, da mediação de conflitos, da criação de canais de apoio e de estratégias que promovam a cultura de paz na escola, com caráter permanente. E o professor é uma das figuras mais importantes dentro do contexto preventivo, pois conhece os estudantes, devido a vivência em sala de aula.

3 O BULLYING E SUAS MODALIDADES

O *bullying* é um comportamento intencional e repetitivo que envolve a intimidação, a agressão ou a discriminação de uma pessoa por outra ou por um grupo de pessoas.

Figura 2 – Prática de Bullying nos corredores de uma escola



Fonte: <https://zenklub.com.br/blog/wp-content/uploads/2017/01/iStock-1338739433-min-1.jpg>.

A imagem retrata de forma real uma situação vivenciada, onde podemos nitidamente compreender os envolvidos na cena do bullying, estando presentes a vítima, o agressor e a testemunha que não participa da agressão, mas não tem nenhuma atitude de repúdio ao que está presenciando naquele momento. Podemos classificar como sendo a modalidade de bullying físico, onde o agressor agride fisicamente a vítima, intimidando a mesmo e até lesionando. Apesar de ser algo inaceitável de ocorrer dentro de um ambiente escolar, sua prática é das mais comuns.

De acordo com Chalita (2008, p. 82):

O bullying pode ser dividido em duas formas: direta e indireta. A forma direta é mais comum entre meninos, e as atitudes mais comuns são insultos, xingamentos, apelidos ofensivos, comentários racistas, agressões físicas, roubo, extorsão de dinheiro, destruição de objetos e obrigação de realizar tarefas servis. A forma indireta é

mais comum entre meninas, e as atitudes mais comuns são difamações, fofocas, boatos cruéis, intrigas, rumores degradantes sobre a vítima e seus familiares, e indiferença (Chalita, 2008, p. 82).

Existem diferentes formas de *bullying*, como é mostrado na Lei n.º 13.185/15, onde cita oito tipos, cada uma com suas características específicas. As modalidades mais comuns são o *bullying* verbal, físico, social e virtual.

Para Pereira (2002, p. 71) “o *bullying* direto se caracteriza no *bullying* físico, já o indireto se caracteriza no *bullying* verbal”. Cabe ressaltar que todo *bullying* é uma agressão, mas nem toda agressão pode ser caracterizada como *bullying*, pois ele tem seu conceito específico.

3.1 *Bullying* verbal

O *bullying* verbal é uma forma cruel e silenciosa de intimidação que se manifesta através do poder das palavras. Diferente do *bullying* físico, as feridas deixadas por palavras cruéis não são visíveis, mas podem causar danos profundos e duradouros à autoestima e ao bem-estar emocional da vítima. Nesse tipo de *bullying*, indivíduos são alvos de insultos, xingamentos, zombarias e ameaças verbais de forma repetitiva e intencional. As vítimas muitas vezes sofrem em silêncio, sem os hematomas óbvios do *bullying* físico, mas com um sofrimento que pode ser igualmente devastador.

Segundo os autores Bock, Furtado e Teixeira (1999, p. 81), “A agressão é um comportamento intencional que visa causar dano ou dor a outra pessoa. Pode ser expresso através de pensamentos, imaginações, palavras ou ações.” As palavras podem ter um impacto profundo na autoestima de uma pessoa. No contexto do *bullying* verbal, elas são usadas para atacar a confiança e a dignidade das vítimas. Os efeitos podem ser devastadores, levando a problemas de saúde mental, como depressão, ansiedade e baixa autoestima. Muitas vítimas de *bullying* verbal enfrentam desafios em sua vida acadêmica e social, e o trauma emocional pode durar anos.

O *bullying* verbal não é apenas uma experiência dolorosa para a vítima, mas também um comportamento prejudicial para o agressor. Aqueles que praticam o *bullying* verbal muitas vezes o fazem para se sentirem superiores, mas suas ações

demonstram falta de empatia e respeito pelos outros. A longo prazo, os agressores podem enfrentar problemas sociais e emocionais em suas próprias vidas.

A prevenção do *bullying* verbal começa com a educação e a conscientização. É essencial que as escolas, pais e a sociedade trabalhem juntos para ensinar o valor do respeito, da empatia e da comunicação eficaz. As escolas devem implementar políticas anti-*bullying* eficazes e oferecer apoio às vítimas, para que elas não se sintam isoladas em seu sofrimento.

3.2 *Bullying* físico

O *bullying* físico é uma forma de agressão que deixa marcas profundas na vida das vítimas. Os agressores usam a força física para causar dor, humilhação e medo, deixando marcas físicas e emocionais que podem durar anos.

Segundo Gomes (2011, p. 4) o *bullying* físico inclui “agressões físicas, roubar ou estragar objetos dos colegas, extorsão de dinheiro, forçar comportamentos sexuais, obrigar a realização de atividades servis, ou a ameaça desses itens.”

As lesões físicas podem cicatrizar, mas as cicatrizes emocionais podem persistir por anos. A dor física, os hematomas e as contusões são apenas alguns dos sinais visíveis do sofrimento das vítimas. O medo, a ansiedade e a perda de autoestima são alguns dos efeitos psicológicos mais comuns do *bullying* físico. As vítimas muitas vezes vivem em um estado constante de alerta, onde se sentem inseguras e sem proteção.

Na prática deste tipo de violência, os agressores buscam ter controle e poderem relação às vítimas. Abramovay *et al.* (2012, p. 54) afirma que “As agressões físicas reforçam a cultura da violência e da agressividade entre os pares, tornando o diálogo e outras formas não-violentas de mediação menos eficazes.” Entretanto, é importante lembrar que os agressores também são prejudicados. Seus atos violentos refletem uma falta de habilidades sociais e empatia, e podem ter consequências legais e sociais graves para eles mesmos. É importante ressaltar, segundo Carpenter e Ferguson (2011, p. 135), que “o *bullying* não se limita a violência física. Atos que atacam, intimidam, ameaçam ou assustam, e até mesmo que invadem a privacidade de outra pessoa, podem ser tão ou mais prejudiciais do que um ataque físico.”

Diferentemente do *bullying* verbal, que pode ser mais sutil e difícil de identificar, o *bullying* físico é mais fácil de ser percebido. Se uma criança volta da escola constantemente machucada, com hematomas, cortes ou a roupa rasgada, pode estar sofrendo *bullying* físico de algum colega.

Ele também causa danos psicológicos graves, como medo, ansiedade e sensação de desamparo. Esses danos podem durar anos, mesmo após as feridas físicas terem cicatrizado.

O *bullying* físico é um problema que afeta não apenas a vítima, mas também toda a sociedade. Todos nós temos a responsabilidade de construir uma cultura de respeito e empatia, onde as marcas deixadas pelo *bullying* físico sejam substituídas pelo diálogo, pela compreensão e pela solidariedade.

3.3 Bullying Social

O *bullying* social é uma forma de violência que afeta os relacionamentos sociais da vítima com seus colegas. Ocorre quando um adolescente é excluído ou rejeitado por um grupo social. Esse tipo de *bullying* pode prejudicar o adolescente nos relacionamentos interpessoais, pois sua identidade é construída a partir das relações que ele estabelece com os outros.

Anderson (1997, p. 12) afirma acerca das relações sociais que “a maneira como você conhece e se relaciona com as pessoas influencia o tipo de conversas e relações que você pode ter com elas.”

O *bullying* social pode ser difícil de identificar, pois muitas vezes ocorre de forma sutil ou indireta. É relevante compreender que todos têm o direito de se sentir seguros e aceitos, e é importante trabalhar para criar um ambiente onde todos sejam respeitados.

Observando que ao iniciarmos um contato com o outro, precisamos agir com respeito a sua individualidade evitando entrar em conflito, pois neste primeiro diálogo uma palavra mal colocada dentro de um contexto, poderá refletir em algo negativo.

O *bullying* social é caracterizado por fofocas, boatos e exclusão social, com o objetivo de prejudicar ou controlar a vítima. Esse tipo de *bullying* contribui para a construção de estereótipos, que podem levar à exclusão e ao preconceito, afetando a singularidade da vítima nos grupos sociais.

3.4 *Bullying Virtual*

Também conhecido como *cyberbullying*, se caracteriza pela sua incidência através dos meios eletrônicos. Dos quais ao serem introduzidos no ambiente virtual, pode ser visualizado por uma quantidade de pessoas imensurável, pois fica ali registrado e até que seja excluído, ele pode gerar efeitos negativos.

Berger (2007, p. 37) afirma que “O *cyberbullying* é um tipo de *bullying* que ocorre no ambiente virtual, por meio de dispositivos eletrônicos, como e-mail, mensagens instantâneas, salas de bate-papo, sites ou redes sociais.”

Conforme a Lei 13.185/15 a vítima que sofre de agressões dessa natureza, está amparada no parágrafo único do Art. 2:

Há intimidação sistemática na rede mundial de computadores (*cyberbullying*), quando se usarem os instrumentos que lhe são próprios para depreciar, incitar a violência, adulterar fotos e dados pessoais com o intuito de criar meios de constrangimento psicossocial (Brasil, 2015, p. 3).

Com isso, o *cyberbullying*, assim como também os outros tipos de *bullying*, tem como premissa o ato de humilhar, importunar ou ameaçar uma pessoa por meio de mensagens, fotos ou vídeos que revelem informações pessoais ou íntimas, com o objetivo de causar sofrimento ou constrangimento psicológico e social.

A prática do *cyberbullying* é de grande relevância em nossos dias. Pois uma vez postada uma mensagem ou fotografia que possa ferir ou denigrir alguém, inúmeras pessoas podem visualizar, podendo causar sérios danos. “O avanço tecnológico criou um novo espaço de interação e socialização, que transpõe a vida real para um mundo virtual. Este espaço, no entanto, também é palco de fenômenos como o *cyberbullying*, que afeta pessoas de todas as idades.” (Serrão, 2019, p. 32)

O autor destaca uma realidade particular deste tipo de *bullying*, a prática afeta pessoas de qualquer idade, pois todos se tornam vulneráveis nas redes sociais. Além de ser uma realidade que ultrapassa os muros da escola. Podendo atingir um universo maior de pessoas em qualquer ambiente de estudo, trabalho ou comunidade.

As relações interpessoais estão cada vez mais centradas no mundo virtual, com o uso crescente de dispositivos eletrônicos. Nesse sentido, celulares, notebooks e tablets tornaram-se indispensáveis na vida das pessoas.

Para o autor Almeida (2021):

A identificação do cyberbullying permitiu associar suas características às vítimas. Essa prática ultrapassa os limites de uma brincadeira, podendo se tornar violência psíquica, não necessariamente física. Por isso, é importante analisar formas de evitá-la, para preservar a individualidade de crianças e adolescentes. (Almeida, 2021, p. 27)

A transformação das interações humanas e da comunicação cotidiana tem um impacto significativo no direito, incluindo questões como privacidade, segurança digital, crimes cibernéticos e regulamentação da tecnologia da informação. Por isso, é fundamental compreender e abordar essas mudanças sob uma perspectiva jurídica, pois elas são essenciais para a construção de uma sociedade digital justa e segura.

A facilidade de se conectar com pessoas de todo o mundo é uma oportunidade valiosa para a sociedade contemporânea. No entanto, também apresenta desafios significativos, como a exposição excessiva de crianças e adolescentes a esses meios de comunicação, a distorção de imagens, a diminuição das interações cotidianas e outras questões.

Assim, é essencial compreender e enfrentar essas complexidades sob uma perspectiva jurídica, para proteger os direitos e interesses das crianças e adolescentes no ambiente digital em constante mudança.

4 METODOLOGIA

Este Trabalho de Conclusão de Curso, em seu aspecto metodológico, está fundamentado teoricamente pelas pesquisas de natureza bibliográfica, através de uma abordagem qualitativa. Utilizando dos procedimentos metodológicos adotados, buscamos as contribuições de autores que tratam do presente objeto de pesquisa.

Acerca da pesquisa bibliográfica, o autor Salamon (2004, p. 78) afirma que “ela está baseada nos conhecimentos formativos através de documentos e livros utilizados para a formação do trabalho científico.”

A metodologia qualitativa é um conjunto de abordagens de pesquisa que busca compreender e interpretar as experiências, perspectivas e significados subjacentes aos fenômenos sociais. Ela se diferencia da metodologia quantitativa, que se baseia em dados numéricos, por explorar e descrever os aspectos subjetivos e complexos de um determinado tema ou fenômeno.

A pesquisa qualitativa é uma abordagem de pesquisa que utiliza uma variedade de técnicas para obter insights profundos e compreensão rica do objeto de estudo. Essas técnicas incluem entrevistas em profundidade, observação participante, análise de documentos, grupos focais e análise de conteúdo. A pesquisa qualitativa permite aos pesquisadores explorar questões complexas e capturar a diversidade de perspectivas dos participantes.

Para Minayo (1995, p. 21-22):

A pesquisa qualitativa é adequada para responder a questões complexas e subjetivas. Ela se concentra nos significados e experiências das pessoas, que não podem ser quantificados. A pesquisa qualitativa explora as relações e os processos que não podem ser reduzidos a números (Minayo, 1995, p. 21-22).

A coleta de dados na pesquisa qualitativa é flexível e adaptável, permitindo que os pesquisadores ajustem suas abordagens ao longo do estudo. A análise dos dados qualitativos envolve a codificação e categorização dos dados, a identificação de temas e padrões emergentes e a interpretação dos resultados à luz de teorias e conceitos relevantes.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dialogar acerca do papel do professor na redução e combate do bullying, consiste em uma ação relevante no contexto escolar. Pois engloba ações que podem fazer muita diferença no ambiente escolar.

O *bullying* é um problema grave que afeta crianças e adolescentes em todo o mundo. As estratégias *antibullying* exigem um comprometimento de todos os envolvidos, incluindo escolas, famílias e governos. As escolas devem desenvolver ações contínuas de prevenção, que incluam a conscientização de toda a comunidade escolar sobre o fenômeno, a implementação de políticas públicas que priorizem a redução e prevenção do *bullying*, e a formação e capacitação de profissionais da educação para elaborar e executar programas de prevenção ao *bullying*. É urgente a tomada de consciência das graves consequências do *bullying*, que merece a atenção de todos.

As práticas pedagógicas voltadas para o combate e prevenção do *bullying*, podem fazer com que uma cultura de paz seja apresentada e vivenciada entre os alunos, auxiliando em suas condutas e valores éticos para a vivência na comunidade escolar.

Sabemos que o termo *bullying* se caracteriza entre outros como sendo uma agressão repetitiva de um agressor a uma vítima, em que pode ser de forma grupal ou individual. No entanto sua prática pode deixar inúmeras marcas na vítima e nas testemunhas que costumam serem expectadoras desses atos.

Ações em que a Lei 13.185/15, ampara e dá desde o conceito do *bullying*, às punições cabíveis a cada agressão realizada, destacando oito tipos de *bullying*, tidos como os mais comuns na sociedade.

Cabe ressaltar que a lei também ampara e dá os direcionamentos quanto as ações que o professor poderá estar realizando no contexto escolar junto com o alunado.

Não podemos desconsiderar o papel da família no combate a essas agressões, pois junto a escola podem realizar um trabalho efetivo no combate a essas práticas cabíveis de punição, conforme a legislação vigente.

É importante compreender a importância do trabalho em conjunto das famílias, alunos, professores e demais funcionários da escola na perspectiva do combate ao *bullying*, uma vez que a sua prática é de modo silencioso, aos olhos dos

responsáveis. Principalmente quando acontece dentro da escola, mas quando ultrapassa os muros da mesma, a importância de o responsável estar atento as manifestações dos agressores são de grande valia. Pois a partir daí os envolvidos serão ouvidos e o trabalho inicialmente preventivo, dentro da escola, torna-se um combate direto contra todo tipo de agressão, tornando o olhar dos profissionais da escola ainda mais atento as situações vivenciadas por aqueles grupos envolvidos, agressores, vítimas e expectadores.

A elevada prevalência de *bullying* entre os escolares é um problema grave e de saúde pública, que demonstra a necessidade urgente da implementação de ações educativas e preventivas a fim de reduzir a sua ocorrência e minimizar as suas consequências.

Como educadores, nos cabe o respeito mútuo, principalmente na forma de abordar a temática junto ao aluno que pratica o *bullying*, bem como com a vítima, de modo que os expectadores possam ser nossos aliados no combate da prática desta agressão. Devemos buscar estratégias para favorecer um ambiente escolar seguro, mas não somente, é necessário que os alunos estejam bem emocionalmente para haver uma relação interpessoal favorável.

Diante dos diálogos apresentados neste trabalho, esperamos que os leitores tenham olhares holísticos sobre o *bullying*, ressaltando a importância de um trabalho de combate diário em sala de aula com um olhar voltado a prevenção de qualquer tipo de agressão, buscando uma boa convivência dentro e fora do ambiente escolar, enfatizando que a formação de uma amizade duradoura é mais relevante do que uma inimizade.

Devemos buscar estar atentos aos momentos de interação no ambiente da sala de aula, sondar aquelas relações em que apresenta conflito. Pois se não realizarmos a prevenção em tempo, depois que o *bullying* já está instalado o mal-estar é bem maior entre os envolvidos, tornando a prática pedagógica complexa para realizar a intervenção, que em alguns casos, iremos dar a resoluto e em outros teremos que envolver as famílias daquelas crianças ou jovens para que em conjunto as ações sejam contínuas e assertivas, em busca de combater e fortalecer a cultura de paz entre os envolvidos.

Cabe ressaltar que quando tratamos do tipo de *bullying* virtual, o cyberbullying, geralmente a sua ocorrência ultrapassa os muros da escola, pois não tem idade para acontecer, logo os envolvidos podem ser maiores de idade e

participar de um convívio extraescolar, tendo que buscar o poder judiciário para resolver sua situação e penalizar aquele que causou os danos.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M.; FARAH NETO, M.; MELO, R. V. A. de A.; ROCA, M. E. Carvalho de L.; MONTEIRO, C. D.; FEFFERMANN, M.; CARVALHO, L. F. de. **Conversando sobre violência e convivência nas escolas**. Rio de Janeiro: Flacso Sede Brasil, 2012.
- ABRAPIA. **Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência**. Dados Estatísticos da Abrapia de Violência Doméstica contra criança e adolescente. Rio de Janeiro, 2004.
- ALMEIDA, Mariangela Meliande; FRAGA, Aparecida Angelica de Souza. **Cyberbullying: o crescimento deste fenômeno com o fechamento das escolas e o avanço da pandemia no brasil**. Revista Eletrônica a OABRJ – 3ª Edição Especial Projeto de Mentoria, 2021.
- ANDERSON, H. (1997). **Conversation, Language and Possibilities: A Postmodern approach to Therapy**. New York: BasicBooks.
- BERGER, K. S. Update on bullying at school: Science forgotten?. **Developmental Review**, 27, p. 90-126, 2007.
- BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva, 1999.
- BRASIL. Lei nº 13.185, de 06 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). **Diário Oficial da União**: Seção 1, p. 1, 6 nov. 2015.
- CARPENTER, D.; FERGUSON, C. J. **Cuidado! Proteja Seus Filhos dos Bullies**. São Paulo: Butterfly, 2011.
- CHALITA, G. **Pedagogia da amizade**. Bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores. São Paulo: Gente, 2008.
- CHAVES, W. M. Fenômeno bullying e a educação física escolar. **Anais do 10º Encontro Fluminense de Educação Física Escolar**. Niterói: UFF, Departamento de Educação e Desportos, 2006.
- CLEMENTE, A. Violência disfarçada. **Construir Notícias**, v. 07, n. 40, p. 19- 24, maio/jun. Recife, 2008.
- CURY, A. J. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- FANTE, C. **O fenômeno bullying: como prevenir nas escolas e educar para a paz**. 2. ed. Campinas, SP: Verus editora, 2005.

FANTE, C. PEDRA, J. A. **Bullying Escolar**: perguntas e respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FARIA JUNIOR, A. G. Didática de educação física. *In*: FARIA JUNIOR, A. G. *et al.* **Uma introdução à educação física**. Niterói: Corpus, 1999.

FAVARO, T. N. **Bullying e aprendizagem**: desafios e possibilidades no ambiente escolar. 2009. Disponível em: <http://www.bib.unesc.net/biblioteca>. Acesso em: 11 nov. 2023.

GOMES, A. E. G.; RESENDE, L. K. E. Reflexões sobre bullying na realidade brasileira utilizando a técnica de análise de conteúdo: revisão bibliográfica. **Cadernos de Pós-graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, São Paulo, v.11, n.1, p. 112-119, 2011.

GONÇALVES, C. C. **Concepção de professores sobre bullying na escola**: estudo de caso. 2011. 132 f. Tese (Mestrado Acadêmico em Educação) - Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa. 2014.

GUARESCHI, A. P.; SILVA, M. R. da (Coord.) **Bullying Mais Sério do que se imagina**. 2. ed. Porto Alegre: Mundo Jovem; EDIPUCRS, 2008.

MEZZELA, R. O que é bullying? **Construir Notícias**, v. 07, n. 40, p. 5-7, maio/jun. Recife, 2008.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social**: Teoria, Método e Criatividade. Petrópolis: Vozes, 1995.

PEREIRA, B. O. **Para uma escola sem violência**: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças. Fundação Calouste Gulbenkian. Fundação para a Ciência e tecnologia. Ministério da Ciência e Tecnologia. Porto: Ed. Imprensa Portuguesa, 2002.

SERRÃO, Gonçalo Nuno Correira Zambujo. **CYBERBULLYING: A PRIMEIRA RESPOSTA ÀS VÍTIMAS**. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Direito e Segurança, Faculdade de Direito Universidade Nova de Lisboa, 2019.

SILVA, A. B. B. **Mentes perigosas na escola**: bullying. Rio de Janeiro: Fontanar, 2010.